



Representação e Construção das Identidades dos Imigrantes e Migrantes nas Páginas da Revista Raízes¹

Lilian Crepaldi de Oliveira Ayala²
Doutoranda em Comunicação e Semiótica
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

Resumo

O trabalho aborda o andamento do projeto de doutorado *Representação e Construção das Identidades dos Imigrantes e Migrantes nas Páginas da Revista Raízes*. O projeto visa compreender, utilizando a semiótica da cultura como ferramenta de interpretação, de que forma a revista *Raízes* representa e auxilia na construção das identidades dos imigrantes e migrantes presentes na cidade paulista de São Caetano do Sul, destacando a intricada relação entre migrações, trabalho e desenvolvimento local. Também busca analisar, por meio da pesquisa de recepção, como os moradores do município atribuem sentidos às mensagens da revista, produzida pelo poder público local e distribuída gratuitamente no ABC.

Palavras-chave: Identidade; Migrações; Revista; Cidadania

Introdução ao tema e objetivos

Até meados do século XX, os principais esforços das classes economicamente ativas direcionavam-se ao desenvolvimento industrial e tecnológico. Questões como a desenfreada interferência humana na natureza e a promoção social foram relegadas a segundo plano. O desenvolvimento econômico estava no centro das discussões, enquanto a sustentabilidade era um conceito fora dos holofotes. Mas se os objetivos de lucro e crescimento pouco se alteraram neste início do século XXI, os papéis desempenhados pelo poder público, pelas organizações e pelos trabalhadores tiveram mudanças consideráveis.

Se há 50 anos o poder dos Estados Nacionais era soberano e indiscutível, hoje a governança das grandes corporações vem ditando boa parte das regras políticas, econômicas e, até mesmo, culturais. Não que as nações tenham desaparecido, mas perderam importância e credibilidade diante do poder do capital e do comércio

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação para a Cidadania, XI Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Professora da Faculdade Paulus de Tecnologia e Comunicação (Fapcom). Doutoranda em Comunicação e Semiótica na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Mestre em Ciências da Comunicação pela Escola de Comunicação e Artes (ECA-USP). Graduada em Comunicação Social (Jornalismo) pela Universidade Metodista de São Paulo e em História pela Universidade de São Paulo. E-mail: liliancrepaldi@uol.com.br.



globalizado. As organizações, assim como no século passado, continuam colocando suas metas de lucratividade e seus interesses comerciais acima de outras questões fundamentais para a qualidade de vida do trabalhador. Antunes e Alves (2004) analisam as mudanças no mundo do trabalho na era da globalização do capital e concluem que “além e apesar de o trabalho ‘subordinar-se’ ao capital, ele é um elemento vivo, em permanente medição de forças, gerando conflitos e oposições ao outro pólo formador da unidade que é a relação e o processo social capitalista” (p.350).

Nesse contexto, vale questionar de que forma os meios de comunicação contemporâneos representam ou silenciam essas mudanças econômicas e sociais, que interferem no cotidiano de toda a população. O projeto de pesquisa discute como uma revista semestral da região do ABC paulista – reconhecida nacionalmente por seu grande desenvolvimento – aborda em suas páginas as diferentes identidades culturais presentes na região, levantando questões como a linguagem da publicação e a recepção de seus textos junto aos moradores.

A revista *Raízes* circula desde 1989 e discute, dentre outros temas, imigração, industrialização e desenvolvimento local. Com o intuito de ser um documento para a história da cidade, a publicação é semestral e os lançamentos das duas edições do ano (julho e dezembro) ocorrem em festas abertas à população. Com tiragem aproximada de quatro mil exemplares e média de 120 páginas por edição, está dividida nas seguintes editoriais: *Dossiê* (série de artigos e reportagens sobre o tema principal da edição), *Artigo* (assuntos diversificados, mas sempre ligados à cidade de São Caetano do Sul ou à região do ABC paulista), *Cultura*, *Personagens* (biografias de moradores ou personagens emblemáticos na cidade), *Memória*, *Depoimentos*, *Esportes*, *Crônicas e Causos*, *Memória Fotográfica* e *Registro* (sobre as atividades da Fundação Pró-Memória, instituição que edita a revista), além do Editorial, do Expediente e da sessão Nossa Capa.

Até a edição 20, havia a sessão *Imigração*, que enfatizava a chegada de imigrantes de diferentes etnias à cidade e sua contribuição para o crescimento local. Com distribuição gratuita, qualquer morador pode retirar seu exemplar na sede da Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul (FPM). No site da instituição, também é possível visualizar em formato *pdf* as duas edições mais recentes e alguns artigos de números mais antigos.

A revista *Raízes* é a principal publicação da FPM, que também edita livros históricos sobre a cidade e a região, agendas históricas, folhetos informativos e guias



culturais, além de ser responsável pelo Museu Histórico Municipal e pela promoção de eventos relacionados à memória e história local. Produzida na sede da FPM, a revista é feita essencialmente pela equipe de historiadores e jornalistas da instituição, mas também conta com o auxílio voluntário de colaboradores, a maioria memorialistas da própria cidade ou pesquisadores vinculados a universidades.

Os principais temas discutidos são história e memória local, imigração, identidades, religiosidade, cidadania, esportes, industrialização, trabalho e desenvolvimento econômico e social. A publicação ressalta também histórias de vida dos moradores da cidade. Apesar de composta majoritariamente por textos, a maioria dos moradores tem forte identificação com a sessão de fotos da revista, intitulada Memória Fotográfica, que mostra imagens de acervo enviadas pelos próprios sul-sancaetanenses.

Já na primeira edição de *Raízes*, publicada em julho de 1989, o artigo intitulado *Olarias trazem industrialização na cidade*, escrito por Sonia Maria Franco Xavier, discutia a questão do trabalho imigrante na cidade e sua contribuição para a produção de telhas e tijolos. Outros três artigos do primeiro número da revista também abordavam a imigração: *Memória do trabalho e do trabalhador*, de Ademir Médici, *No tempo dos ladrilhos de cimento*, de Mário Botteon, e *Nicola Perrella marcou uma época*, este último destacando uma família italiana tradicional da cidade, o que ocorre em todas as edições.

O mundo do trabalho também está presente na revista e, em todas as edições, há um artigo que faça referência às indústrias ou aos trabalhadores da cidade. Numa edição mais recente, publicada em dezembro de 2007, há inclusive um texto intitulado *Os 100 anos da Sociedade Beneficente União Operária de SCS*, de Clóvis Antonio Esteves, que discorre sobre uma instituição de auxílio aos trabalhadores da cidade.

A imigração é um dos temas mais recorrentes na revista, mas os editores e memorialistas privilegiam a origem italiana, a despeito da presença de diversas outras culturas na cidade, como espanhóis, judeus, japoneses, ucranianos e nordestinos. Há, por exemplo, somente três artigos dedicados aos nordestinos em 20 anos de revista, enquanto mais de 50 foram sobre os italianos, sobretudo relatos familiares. Por outro lado, quando do centenário da imigração japonesa, *Raízes* dedicou quase uma edição inteira ao assunto.

Tendo em vista que *Raízes* é editada por uma instituição vinculada ao poder público, também discutiremos na pesquisa o desenvolvimento e a atuação da Fundação



Pró-Memória como produtora de conhecimento e as interferências institucionais na linha editorial.

A Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul é uma autarquia municipal criada em 12 de junho de 1991, cujos objetivos são o resgate, a divulgação e a preservação do patrimônio cultural da cidade de São Caetano do Sul, que possui aproximadamente 140 mil habitantes. Subordinada à Secretaria da Cultura e sem fins lucrativos, a FPM é formada pelo Centro de Documentação Histórica, pelo Museu Histórico Municipal e pela Pinacoteca Municipal, além de contar com espaços expositivos espalhados pela cidade e mostras itinerantes.

Enquanto o Centro de Documentação Histórica disponibiliza para consulta pública jornais, revistas, livros, mapas, documentos, fotografias e vídeos, o Museu Histórico Municipal é responsável pelo acervo de objetos históricos como móveis, ferramentas e maquinário. Já a Pinacoteca abriga exposições de arte e oferece trabalho pedagógico para as escolas municipais da cidade. Grande parte dos textos de *Raízes* tem como fontes primárias documentos do Centro de Documentação Histórica e do Museu.

A partir desta contextualização, delimitamos como objetivo geral da pesquisa compreender de que forma a revista *Raízes* representa e auxilia na construção das diferentes identidades dos imigrantes e migrantes presentes na cidade paulista de São Caetano do Sul, destacando a intrincada relação entre migrações e desenvolvimento local.

Identidade, migrações, desenvolvimento e cidade

Essa pesquisa se justifica por ser o primeiro estudo aprofundado sobre a revista *Raízes*, que tem grande repercussão em São Caetano do Sul, considerada a cidade com a melhor qualidade de vida no Brasil. Vale questionar se essa qualidade apontada pelos índices é condizente com a situação dos trabalhadores migrantes e imigrantes representados na revista.

Outro motivo que leva à realização desse trabalho é a oportunidade de pesquisar uma publicação com conteúdo essencialmente histórico, que mistura reportagens, textos acadêmicos e narrativas dos moradores, reais ou ficcionais. Esse estudo também se justifica pela importância do ABC paulista no cenário nacional, sobretudo no que tange a questões como imigração, trabalho e movimento operário.



O estudo sobre um veículo de comunicação de uma cidade com ótimos índices de desenvolvimento permite investigar se os temas abordados refletem as necessidades históricas e atuais dos moradores da cidade ou se apenas enfatizam o registro documental e não crítico dos acontecimentos. O discurso da revista é uma construção social que reflete uma visão de mundo vinculada à do autor e à sociedade. A linguagem se vincula à dinâmica da vida social e os sentidos das palavras se vinculam às ações humanas. Para Paulino (2002, p.10):

É a compreensão profunda das relações que se estabelecem entre cultura, linguagem verbal e cotidiano que nos permitem ver os produtos culturais veiculados pelos meios de comunicação não como documento frio, sem pontes e nexos com as tradições, costumes, modos de vida, aspirações daqueles que o produziram. Mas, como discursos que possivelmente revelarão os pontos de vistas dos enunciadores/enunciatários sobre os sentidos do trabalho na atualidade”

Essa ideia pode ser complementada pelo pensamento de Bacegga (1995), para quem “a raiz de tudo é mesmo a palavra, a linguagem verbal que, enquanto ação humana, constrói/ reconstrói/ destrói realidades” (p.7).

Em relação ao objeto escolhido, o estudo corrobora a premissa de Martín-Barbero (2008), que aponta os motivos da mudança nos objetos de pesquisa na área da Comunicação Social:

Não foi apenas a limitação do modelo hegemônico o que nos obrigou a mudar de paradigma. Foram os fatos recorrentes, os processos sociais da América Latina, os que estão transformando o ‘objeto’ de estudo dos investigadores da comunicação. (p.285)

Nesse estudo, a ênfase de pesquisa será nas construções discursivas sobre os imigrantes e migrantes nas páginas da revista, levantando temas como identidade, trabalho e desenvolvimento econômico. Contudo, somando-se à análise das mensagens, também abordaremos as condições de produção da revista e a recepção do discurso junto aos moradores da cidade. Dessa forma, a possibilidade de compreensão da linguagem da revista *Raízes* e de como o discurso é entendido pelos sujeitos históricos mostra-se relevante para as pesquisas atuais em Comunicação.

Tendo em vista a perspectiva multidisciplinar dos estudos de comunicação, utilizaremos várias obras das ciências sociais, história e linguagem para analisar os textos da revista *Raízes* e sua recepção. Um dos conceitos que serão discutidos na pesquisa é o de *comunicação comunitária*. Há ampla bibliografia produzida no Brasil sobre o tema, mas a maioria é voltada ao meio rádio.



Numa primeira leitura das edições, observa-se que a revista é uma publicação local e comunitária, tendo em vista sua estreita relação com a comunidade de São Caetano do Sul, recebendo, em todas as edições, textos e imagens da própria população. Os moradores também atuam na sugestão de pautas, no abastecimento do arquivo e participam ativamente dos eventos promovidos pela FPM. Somando a isso, realiza um trabalho de reforço da memória local com as escolas de ensino básico e pesquisadores de nível superior e pós-graduação, conforme explica Peruzzo (2010, p. 8) sobre o potencial educativo da comunicação comunitária:

Por seus conteúdos podem dar vazão à socialização do legado do histórico do conhecimento, facilitar a compreensão das relações sociais, dos mecanismos da estrutura do poder (compreender melhor as coisas da política), dos assuntos públicos do país, esclarecer sobre os direitos da pessoa humana e discutir os problemas locais.

Por outro lado, a noção de um veículo comunitário pode ser refutada se partirmos do argumento de que *Raízes* não busca a mobilização social, mas sim a cristalização de certas características sociais e culturais da população, sobretudo a origem italiana e trabalhadora. O próprio conceito de comunicação comunitária dá margem a várias interpretações. Peruzzo (2006, p. 2) reitera que o uso do conceito é problemático. Para a autora (2006, p.8):

a comunicação popular e alternativa se caracteriza como expressão das lutas populares por melhores condições de vida que ocorrem a partir dos movimentos populares e representam um espaço para participação democrática do “povo”. Possui conteúdo crítico-emancipador e reivindicativo e tem o “povo” como protagonista principal, o que a torna um processo democrático e educativo. É um instrumento político das classes subalternas para externar sua concepção de mundo, seu anseio e compromisso na construção de uma sociedade igualitária e socialmente justa.

Partindo desse conceito, talvez seja mais pertinente, a princípio, caracterizar *Raízes* como uma forma de Comunicação para o Desenvolvimento, conforme elucida Waisbord (2003), que fornece cinco ideias para a comunicação atuar de forma mais ativa na comunidade. A primeira seria a centralização do poder (o fortalecimento da comunidade); a segunda, a integração entre as abordagens governamentais e baseadas na comunidade; a terceira, a necessidade de utilizar estratégias múltiplas de comunicação; a quarta, a articulação entre a comunicação de massa e a interpessoal e, por fim, a incorporação dos fatores pessoais e contextuais para compreender o papel da comunicação na mudança de comportamentos.



Outro ideia fundamental para a pesquisa é a de identidade. De maneira geral, e até mesmo simplista, a questão identitária é discutida em duas vertentes: categoria universal ou conjunto de especificidades de uma população. Se vista como especificidade, há o risco de esbarrarmos num essencialismo prejudicial à pesquisa. Afinal, descobrir o que é original numa cultura é tarefa bastante complexa. Por outro lado, vista como categoria universal, pode induzir ao erro da generalização, sem correspondência obrigatória em todas as realidades sociais.

Para Hobsbawm (1998), a identidade nacional é uma construção das elites para controlar as sociedades. O historiador aconselha cautela ao falar em identidades, já que estas não contemplam todos os conflitos e ressaltam somente as peculiaridades de determinados grupos. Se há dificuldades entre universalidade e identidades, cabe à primeira prevalecer. Ele entende que

a etnia é um modo de encher os espaços vazios do nacionalismo. (...) Em outras palavras, o nacionalismo combina com a teoria política; a etnia, com a sociologia ou a antropologia social. Ela pode assumir a forma de Estado ou de qualquer outra organização política, ou deixar isso de lado. Quando se torna político, não tem nenhuma afinidade especial com a política etnicamente rotulada. Tudo que é preciso é que o rótulo político, seja qual for, tenha um apelo desmedidamente intenso para os membros do grupo étnico (2000, p. 274).

Por outro lado, Homi Bhabha (1999) ataca o conceito de identidade nacional e o conceito de comunidade imaginada de Benedict Anderson (1989). Bhabha não admite o par identidade/alteridade porque não lhe parece possível estabelecer limite entre um e outro: os limites são porosos, um está no outro. Na atualidade, as fronteiras são cada vez mais permeáveis. O outro emerge entre nós mesmos, dando origem ao conceito de entre-lugares (*in-between*), cuja compreensão é quase inapreensível pelo excessivo relativismo.

Uma das possibilidades mais pertinentes é o conceito de Stuart Hall (2003), pelo qual as identidades estão sempre em movimento, em processo de reelaboração e transformação contínuas. Identidade como conceito em ação.

Como ponto de partida para o trabalho, a ideia de intercultural, de García Canclini (2005), parece-nos também bastante pertinente. García Canclini (2005) examina a interculturalidade a partir das negativas, das carências, de quem não pertence ou não possui. Todavia, o autor ressalva que colocar-se no lugar do outro não é saber quem somos, tendo em vista que a globalização intercultural cria novas diferenças e desigualdades. Para García Canclini (2005, p.17), passou-se de um mundo multicultural para um mundo intercultural. Enquanto o primeiro supõe aceitação do heterogêneo, o



segundo implica que os diferentes são o que são, em relações de negociação, conflito e empréstimos recíprocos. Dessa forma, “é necessário considerar a alteridade como uma construção imaginada, que - ao mesmo tempo - enraíza-se em divergências interculturais empiricamente observáveis” (2005, p. 266). Assim, é chegada a hora de descrever os esforços de convivência em lugar de limitar-se a ressaltar as diferenças.

Para discutir identidade, é fundamental compreender os conceitos de imaginário. Segundo Baczko (1985, p. 403), “a imaginação social, além de fator regulador e estabilizador, também é a faculdade que permite que os modos de sociabilidade existentes não sejam considerados definitivos e como os únicos possíveis, e que possam ser concebidos outros modelos e outras fórmulas”. O conceito de imaginário social proposto por Baczko congrega os mitos, os símbolos e as imagens que estão na sociedade.

Baczko (1985) entende o imaginário e o simbólico como estratégico. O imaginário integra o real, sendo uma das forças reguladoras da vida em coletividade. Visto que a dimensão política não se ausenta jamais, tampouco da cultura, o poder político deve repousar sobre uma legitimidade que, por sua vez, precisa construir-se também discursivamente.

Sobre imigração, trabalho e desenvolvimento da cidade de São Caetano do Sul, a obra de Martins (2002) já se tornou referência nas Ciências Sociais. O autor traça um panorama da cidade desde o cotidiano no subúrbio rural do século XIX até a década de 1930, relacionando temas como imigração, trabalho e pobreza. Segundo Martins (2002):

No subúrbio, o vínculo do trabalhador com a sua cidade também expressou uma alienação particular na relação entre esse trabalhador e o seu produto, inclusive o espaço produzido a partir do seu lugar de trabalho. Foi um outro modo de viver na cidade, no seu subúrbio empobrecido de vínculos com a História, pobreza que é a face urbana e espacial da alienação do morador-trabalhador. (p.11)

O desenvolvimento econômico de São Caetano do Sul tem fases bem delineadas. Com a vinda da primeira leva de imigrantes italianos em 1877, predominava o trabalho agrícola, sobretudo a cultura de videiras. Já no século XX, destacam-se as cerâmicas e olarias, tradição dos monges beneditinos que primeiro se instalaram na cidade. Em meados do mesmo século, com o surto desenvolvimentista no Brasil, as montadoras e empresas de autopeças chegam ao ABC paulista. Em São Caetano, instala-se a General Motors. Nos dias atuais, a cidade, apesar da grande concentração de indústrias, destaca-se também no setor de serviços.



Loduca (1999) também aborda a formação industrial da cidade de São Caetano e a colaboração dos imigrantes, sobretudo os de origem italiana:

Tudo apontava para as jazidas argilosas e foi por aí que a atividade industrial nasceu. Os colonos italianos logo desistiram de suas tentativas de desenvolver lavouras (...) por força da necessidade, aprenderam uma nova profissão e dedicaram-se a transformar a argila em produtos vendáveis e de grande aceitação. A argila das ‘minas’ sancaetanenses eram de primeiríssima qualidade e recompensaram os esforços de famílias inteiras que tangiam as mulas atreladas aos varais das pipas onde o barro era batido, enchiam as formas, empilhavam os tijolos, trabalho pesado, duro, bruto, extenuante, mas que mostrava um novo caminho, encarado com coragem e determinação. O progresso começava a se mostrar possível (p.68).

Enquanto os trabalhos de Martins (2002) e Loduca (1999) partem essencialmente de pesquisa histórica e bibliográfica, a obra de Feres (1998) baseia-se na História Oral, utilizando entrevistas com descendentes das famílias do primeiro núcleo colonial da cidade para traçar um perfil das relações cotidianas. Sobre as mudanças das atividades econômicas na cidade, a autora destaca que “o desenvolvimento da atividade oleira não rompeu com a característica de trabalhador familiar” (p.97). Em depoimento dado a Feres (1998), Joanna Fiorotti explica a relação direta entre trabalho e família em fins do século XIX e início do XX:

Agora muitos daqueles que tinham olarias aqui em baixo, no Bairro da Fundação, tiravam suas filhas da escola quando completavam o segundo ano, sabe por quê? Para irem lançar tijolos! Estudaram pouco elas... Era costume os filhos trabalhar todos com os pais nas olarias das famílias (p.98).

Sobre os temas globalização e trabalho, são fundamentais as ideias de Ianni e Antunes (1995), este último na área de Sociologia do Trabalho. Para Ianni (2004, p. 123):

Na mesma escala em que se dá a globalização do capitalismo, verifica-se a globalização do mundo do trabalho. No âmbito da fábrica global criada com a nova divisão transnacional do trabalho e da produção, a transição do fordismo ao toyotismo e a dinamização do mercado mundial, tudo isso amplamente favorecido pelas tecnologias eletrônicas, nesse âmbito colocam-se novas formas e novos significados do trabalho.

O conceito de neoliberalismo, que engloba as principais mudanças no mundo do trabalho, também é fundamental para compreendermos como o trabalhador contemporâneo é retratado em *Raízes*. De acordo Ianni (2004, p. 217):

É no contexto do globalismo que o liberalismo se transfigura em *neoliberalismo*. A nova divisão transnacional do trabalho e da produção, a crescente articulação dos mercados nacionais em mercados regionais e em um mercado mundial, os novos desenvolvimentos dos meios de comunicação, a formação de redes de informática, a expansão das corporações transnacionais e a emergência de organizações multilaterais,



entre outros desenvolvimentos da globalização do capitalismo, tudo isso institui e expande as bases sociais e as polarizações de interesses que se expressam no neoliberalismo.

Nesse contexto, mudaram também as principais demandas dos trabalhadores com o advento neoliberal. Para Antunes (1995) a fase de mundialização do capital caracteriza-se pelo desemprego estrutural e pela redução e precarização das condições de trabalho. Em contrapartida, o autor afirma que a classe trabalhadora fragmentou-se, heterogeneizou-se e complexificou-se ainda mais com o passar dos anos.

Hobsbawm (2000), na área de estudos históricos, aborda essas transformações do mundo do trabalho desde a formação da classe trabalhadora no século XVIII até o movimento operário na década de 1970. Hobsbawm (2000), numa vertente marxista, levanta questões sobre as mudanças no perfil dos trabalhadores ao longo dos séculos:

Quando se aposentarem os últimos homens que dirigiram e cuidaram das locomotivas a vapor – e não falta muito tempo para isso -, e quando os maquinistas de trem forem só ligeiramente diferentes dos motorneiros, e às vezes completamente supérfluos, o que irá acontecer? Como será nossa sociedade sem este grande grupo de homens, que, de uma forma ou de outra, tinham um senso de dignidade e de auto-estima, derivado do trabalho manual difícil, bom e útil à sociedade, que também é um senso de uma sociedade governada não pelas leis de mercado nem pelo dinheiro: uma sociedade diferente da nossa e potencialmente melhor? Como será um país sem o acesso à auto-estima proporcionada pela habilidade técnica, em conjunto com a mão, os olhos, o cérebro, aos homens – e também às mulheres – que por acaso não conseguem se sair bem em exames? (p.380)

Tendo em vista que a pesquisa não se concentrará somente na análise nos textos de *Raízes*, mas também na recepção dos discursos sobre trabalho e desenvolvimento, as obras de Paulino (2001, 2002) colocam o trabalho como categoria privilegiada de análise. Em seu estudo sobre a recepção dos meios de comunicação pelos operários de uma montadora do ABC paulista, Paulino (2001) discorre que a comunicação é mediada fundamentalmente pelas relações de trabalho, sem, no entanto, desconsiderar as outras mediações. Para a etapa da pesquisa de recepção junto aos leitores da revista, os estudos de Martín-Barbero (2008) também são essenciais neste estudo. Para o autor, em seu já clássico conceito de mediações, é fundamental entender como as pessoas utilizam a informação a partir das mediações culturais, estas reveladas nas práticas cotidianas.

Também nos valeremos das ideias de Thompson, para quem “o uso dos meios de comunicação implica a criação de novas formas de ação e de interação no mundo social, novos tipos de relações sociais e novas maneiras de relacionamento do indivíduo com os outros e consigo mesmo” (1998, p. 13). Quanto à leitura das mensagens comunicacionais, o autor afirma que “a recepção das formas simbólicas (...) sempre



implica um processo contextualizado e criativo de interpretação, no qual os indivíduos se servem dos recursos de que dispõem, para dar sentido às mensagens que recebem” (1998, p.17).

Desenvolvimento da pesquisa

Este trabalho tem como principais paradigmas teóricos-metodológicos os Estudos Culturais. De caráter multidisciplinar, bastante adequado às pesquisas em comunicação, “o objetivo dos cultural studies é definir o estudo da cultura própria da sociedade contemporânea como um campo de análise conceitualmente relevante, pertinente e teoricamente fundamentado” (WOLF, 1992, p.94).

Para a maioria dos autores dos Estudos Culturais, a cultura constitui-se numa rede de práticas e relações que fazem parte da vida cotidiana, ou seja, a cultura deixa de ser passiva e ressalta a importância do sujeito histórico. Não mais uma compilação de textos e obras de arte, mas sim as práticas vividas. O cotidiano ganha primazia sobre a tradição.

Quanto aos dados de pesquisa, o estudo será essencialmente qualitativo, tendo em vista que se busca “identificar relações, causas, efeitos, conseqüências, opiniões, significados, categorias e outros aspectos considerados necessários à compreensão da realidade estudada” (VIANNA, 2001, p.122). Em relação aos objetivos, a pesquisa será exploratória. Segundo Gil (1999; p.43), “as pesquisas exploratórias têm como principal finalidade desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e idéias, com vistas à formulação de problemas mais precisos ou hipóteses pesquisáveis para estudos posteriores”.

Quanto às fontes para obtenção de dados, o estudo abrange tanto a pesquisa teórica quanto a empírica. Na teórica, o estudo abarca dados de diversas fontes bibliográficas, sempre nos preocupando com a abrangência dos escritos. Na primeira fase da pesquisa empírica, a entrevista não-diretiva será o instrumento para coleta de dados. Essas entrevistas serão realizadas com gestores, editores, jornalistas e colaboradores da revista, para verificar como se dá a produção de *Raízes*. A entrevista como ferramenta mostra-se adequada ao objeto de estudo, pois visa à obtenção de informações a respeito dos processos de produção das mensagens da revista.

O passo seguinte é a pesquisa documental, que consiste na seleção e na análise dos textos da revista *Raízes*. Nessa etapa, a pesquisa descritiva é fundamental para que o



leitor compreenda o objeto e o problema, tendo em vista que é preciso, primeiramente, compreender as particularidades do objeto para, num segundo momento, partimos para a observação crítica. A princípio, uma leitura aprofundada de todas as edições da revista (aproximadamente 45) auxiliará na delimitação da amostra.

Com o objetivo geral de compreender de que forma a revista *Raízes* representa e auxilia na construção das diferentes identidades dos imigrantes e migrantes, o instrumento será a semiótica da cultura, na vertente russa.

Para Bakhtin (1988) a palavra é mediadora entre o social e o individual, além de ser reveladora dos valores culturais. Desta forma, o uso da palavra mantém ou subverte valores, intervindo no mundo material. A grande inovação do autor foi ultrapassar a visão da língua como sistema. Bakhtin acredita que não se pode compreender a língua de forma isolada, devendo-se considerar fatores como contexto de fala, intenções e momento histórico. Nesta direção Baccaga (1995) complementa que a palavra só tem razão “na materialidade do intercâmbio da vida social” (p.6).

Numa mesma vertente marxista, Schaff (1967) refuta as ideias estereotipadas sobre o marxismo e fala da importância do indivíduo. Para o autor o homem existe como espécie e como indivíduo, este último resultado das condições históricas. Em defesa de Marx, Schaff complementa que “o indivíduo humano encontra-se dentro da sociedade de acordo com a sua gênese e o seu caráter social, mas continua, até certo ponto, como indivíduo autônomo” (1967, p.54). Apesar de estar cercado pelo mundo material, marcado por condições desiguais de produção, o homem tem autonomia para transformar o mundo e a si.

Bakhtin (1988) acrescenta que “o discurso escrito é de certa maneira parte integrante de uma discussão ideológica em grande escala: ele responde a alguma coisa, refuta, confirma, antecipa as respostas e objeções potenciais, procura apoio” (p.123).

Para Bakhtin (1988):

A situação e o auditório obrigam o discurso interior a realizar-se em uma expressão exterior definida, que se insere diretamente no contexto não verbalizado da vida corrente, e nele se amplia pela ação, pelo gesto ou pela resposta verbal dos outros participantes na situação da enunciação” (p.125).

Partindo da concepção de Bakhtin (1988) de que “duas vozes são o mínimo da vida”, observamos no discurso da revista *Raízes* que a linguagem está impregnada de relações dialógicas. Na concepção de Bakhtin (1988) “a palavra é o modo mais puro e



sensível de relação social (...) a palavra acompanha e comenta todo ato ideológico” (p.36-37).

A análise do discurso, sobretudo a vertente da escola francesa, que privilegia o contexto sócio-econômico de produção e recepção dos discursos em detrimento da análise morfológica, também auxiliará na leitura das revistas. Segundo Pêcheux (1988) é preciso apreender a historicidade do discurso:

A materialidade concreta da instância ideológica existe sob a forma de formações ideológicas, que, ao mesmo tempo, possuem um caráter ‘regional’ e comportam posições de classe. Isto quer dizer que na luta de classes, não há “posições de classe que existam de modo abstrato e que sejam aplicadas aos diferentes ‘objetos’ ideológicos regionais das situações concretas (1988, p.146).

Brandão (1991) analisa os conceitos de ideologia e discurso para chegar às concepções da escola francesa da análise do discurso. Para a autora, o principal ensinamento de Pêcheux e outros estudiosos seguidores dessa linha é que não se pode olhar para o discurso apenas como texto, sendo necessário recuperar as condições históricas para se apreender todos os meandros da formação discursiva/formação ideológica. “A formação ideológica tem necessariamente como um de seus componentes uma ou várias formações discursivas. Isso significa que os discursos são governados por formações ideológicas” (BRANDÃO, 1991, p.38).

Para Fairclough (2001), sob influência da escola francesa, de Bakhtin e da pragmática textual, o discurso é agente de mudança social e as práticas discursivas atuam na realidade. Entendendo o discurso como materialidade da produção social, o autor destaca a importância do interdiscurso, uma entidade estrutural que subjaz os eventos discursivos. Desta forma “o discurso como prática ideológica constitui, naturaliza, mantém e transforma os significados do mundo de posições diversas nas relações de poder” (p. 94).

Com o objetivo geral de entender como os moradores atribuem sentidos às mensagens da revista, faremos uma pesquisa de recepção. Inicialmente, será aplicado um questionário de perguntas fechadas de múltipla escolha para uma amostra de 100 trabalhadores industriais moradores da cidade e 100 aposentados, todos leitores da revista. Após a coleta e análise dos dados, faremos entrevistas em profundidade com um *corpus* de análise menor, o que dependerá do índice de retorno, pois a técnica da entrevista permite maior flexibilidade no aprofundamento dos pontos mais relevantes para o estudo.



Referências bibliográficas

ANDERSON, Benedict. **Imagined Communities**: reflexions on the origin and spread of nationalism. Londres/Nova York: Verso, 1989.

ANTUNES, Ricardo. **Adeus ao trabalho?** Ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho. 3. ed. São Paulo: Cortez/Edunicamp, 1995.

BACCEGA, Maria Aparecida. **Palavra e discurso**: literatura e história. São Paulo: Ática, 1995.

BACZKO, Bronislaw. Imaginação social. In: **Enciclopédia Einaudi**. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda; Editora Portuguesa, 1985.

BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 1988.

BHABHA, Homi. **Nation and Narration**. Londres/Nova York: Routledge, 1999.

BRANDÃO, Helena H. Nagamine. **Introdução à análise do discurso**. Campinas: Unicamp, 1991.

FAIRCLOUGH, Norman. **Discurso e mudança social**. Brasília: UnB, 2001.

FERES, Cristina de Lourdes Pellegrino. **Herdeiros da Fundação**: “lavoro” e “famiglia” em São Caetano. São Paulo; São Caetano do Sul: Hucitec; Prefeitura de São Caetano do Sul, 1998.

GARCÍA CANCLINI, Néstor. **Diferentes, desiguais e desconectados**: mapas da interculturalidade. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2005.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 1999.

HALL, Stuart. **Da Diáspora**: identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: Representação da UNESCO no Brasil, 2003.

HOBSBAWM, Eric. **Nações e Nacionalismo** desde 1780: programa, mito e realidade. 2.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.

HOBSBAWM, Eric. Etnia e nacionalismo na Europa de hoje. In: BALAKRISHNAN, Gopal. **Um mapa da questão nacional**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2000.

HOBSBAWM, Eric. **Mundos do trabalho**. 3.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.



- IANNI, Octavio. **A era do globalismo**. 8.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.
- LODUCA, Wilson. **São Caetano**: de várzeas alagadiças a Príncipe dos Municípios. São Paulo; São Caetano do Sul: Hucitec; Prefeitura de São Caetano do Sul; Fundação Pró-Memória, 1999.
- MARTÍN-BARBERO, Jesus. **Dos meios às mediações**: comunicação, cultura e hegemonia. 5.ed. Rio de Janeiro: UFRJ, 2008.
- MARTINS, José de Souza. **Subúrbio**: vida cotidiana e história no subúrbio da cidade de São Paulo: São Caetano, do fim do Império ao fim da República Velha. 2.ed. São Paulo: Hucitec; Unesp, 2002.
- PAULINO, Roseli A. Fígaro. **Comunicação e Trabalho**: estudo de recepção: o mundo do trabalho como mediação da comunicação. São Paulo: A. Garibaldi, 2001.
- PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. Campinas: Edunicamp, 1988.
- PERUZZO, Cicilia Maria Krohling. **Comunicação Comunitária e Educação para a Cidadania**. Núcleo de Comunicação e Educação da Universidade de São Paulo. Disponível em: <http://www.usp.br/nce/wcp/arq/textos/48.pdf> Acesso em: 09 set. 2010.
- PERUZZO, Cicilia Maria Krohling. Revisitando os conceitos de comunicação popular, alternativa e comunitária. In: XXIX Congresso Brasileiro de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2006, Brasília. XXIX Congresso INTERCOM. São Paulo: Intercom, 2006.
- SCHAFF, Adam. **Linguagem e conhecimento**. Coimbra: Almedina, 1976.
- _____. **O marxismo e o indivíduo**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1967.
- THOMPSON, John B. **A mídia e a modernidade**: uma teoria social da mídia. Petrópolis: Vozes, 1998.
- VIANNA, Ilca Oliveira de Almeida. **Metodologia do trabalho científico**: um enfoque didático na produção científica. São Paulo: E.P.U., 2001.
- WAISBORD, Silvio. Cinco ideias-chave: coincidências e desafios na comunicação para o desenvolvimento **Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**. São Paulo. vol. XXI, n° 2, julho/dezembro 2003.
- WOLF, Mauro. **Teorias da Comunicação**. 2.ed.Lisboa: Presença, 1992.